

8

Breves considerações sobre os pontos de vista Formalista e Funcionalista

O presente trabalho possui dois objetivos, como foi exposto na Introdução: um de base teórica e outro de base empírica, complementando-se mutuamente e convergindo para uma epistemologia em comum. A questão teórica que se pretende levantar diz respeito, preliminarmente, às duas correntes básicas da Linguística: o Formalismo e o Funcionalismo (Moura Neves, 1997, p. 39). Não é do escopo desta monografia o aprofundamento nas inúmeras diferenças que cada uma dessas correntes de pensamento pode atingir³¹, mas, em vez disso, buscar-se-ão, *grosso modo*, as linhas gerais de cada uma delas e, mais importante, como tais parâmetros influirão nos dois pontos de vista básicos, acima apontados, que precederão o objeto de pesquisa que constitui a segunda meta deste trabalho – o fenômeno da gramaticalização.

Embora haja pesquisadores recalcitrantes quanto à abonação da gramaticalização como teoria, há consenso em estudar-se o caso como uma mudança fecunda dentro de uma teoria mais ampla: a Teoria da Variação.

Assim, é úbere o estudo da gramaticalização tanto no Formalismo (e em suas correntes subsequentes e consequentes³²) como no Funcionalismo (ou nos diversos tipos de Funcionalismo existentes³³). Isso fica claro, por exemplo, nas palavras de Moura Neves:

Dito de outra maneira, o que se postula é uma teoria de relação entre Gramática e Discurso, segundo a qual os processos de gramaticalização [...] se devem não apenas à influência da língua como sistema gramatical [Formalismo], mas também à influência de fenômenos discursivos [Funcionalismo]. (1997, p. 37, grifamos)

O primogênito do Formalismo³⁴ foi, para alguns, por ter sido o pai do Estruturalismo, o suíço Ferdinand de Saussure, que, não obstante, ocasionou o

³¹ Moura Neves (2004, p.55) explica que, para Nichols, “há um funcionalismo conservador, um funcionalismo extremado e um funcionalismo moderado.

³² Como as de Bloomfield e Chomsky.

³³ Como as de Halliday, a de Dik, a Escola de Praga, a de Firth, Lamb, a Escola de Londres.

³⁴ Ou, para Benveniste, o “homem dos fundamentos”, uma vez que, como se viu, da contribuição revolucionária de Saussure advieram correntes tanto de cunho Formalista quanto Funcionalista.

advento de pensamentos que o complementaram ou, ao revés, romperam em grande parte com seus preceitos básicos iniciais. “A publicação do *Cours de linguistique générale*, de Ferdinand de Saussure, é o marco do surgimento do estruturalismo na Linguística.” (Lucchesi, 2004, p. 25). Segundo Bourdieu, a importância capital de Saussure está no fato de ele ter deixado de lado os caracteres atomísticos e fenomenológicos (que até então eram a exclusiva preocupação dos neogramáticos), levando a linguística à concepção de um construto ancilar à análise de um sistema de relações objetivas. Segundo ele, portanto, passou-se do fenômeno ao objeto. Ou, em outras palavras, Saussure não fez ontologia, mas criou metodologia (cf. Bourdieu, 1983).

Com efeito, toda a projeção depende do corpo projetado e, contudo, dele difere, é uma coisa à parte. Sem isso não haveria toda uma ciência das projeções; bastaria considerar os corpos em si mesmos. (Saussure, 1984, p. 103)

Chomsky é um outro expoente fundamental do Formalismo, com sua Gramática Gerativa, que busca em formas e estruturas profundas, sobretudo da sintaxe, a metanálise da língua (Chomsky, 1980, p.15).

Uma forma de testar a adequação de uma gramática proposta para L consiste em determinar se as sequências que esta gera são efetivamente gramaticais ou não, isto é, aceitas por um falante nativo [...] (op. cit. , 15)

Pode-se, ainda, citar Bloomfield como importante formalista, já que, para ele, a função, na língua, está diretamente ligada à posição (estrutura, forma) que os itens assumem nessa mesma língua, chegando ele a afirmar, num de seus postulados, que “[a]s posições em que uma forma ocorre são suas FUNÇÕES” (Bloomfield, 1978, p. 49).

Seus postulados são assaz esclarecedores no modo como ele confecciona o aparato gramatical. É bastante ilustrativo o modo como Bloomfield define a sua subseção III) MORFEMA, PALAVRA E FRASE:

8. DEFINIÇÃO. Um X mínimo é um X que não consiste inteiramente de Xs menores. [...] 9. DEFINIÇÃO. Uma forma mínima é um MORFEMA; seu significado é um SEMEMA [...] 10. DEFINIÇÃO. Uma forma que pode ser enunciada é LIVRE. Uma forma que não é livre é PRESA. Assim, livro, o homem são formas livres; -ndo (como em escrevendo), -or (como em escritor) são formas presas. 11. DEFINIÇÃO: Uma forma livre mínima é uma PALAVRA. 12. DEFINIÇÃO. Uma forma livre não-mínima é uma FRASE. [...] 13. DEFINIÇÃO: Uma forma presa que é parte de uma palavra é um FORMATIVO. Um formativo pode ser complexo, como as terminações verbais do latim -abat, -abant, -abit, -

Autores há que consideram Saussure tacitamente funcionalista, e outros, ainda, que o consideram totalmente funcionalista, o que, como se demonstrou, não corresponde à verdade.

abunt etc., ou mínimo (portanto um morfema), como o –t latino da terceira pessoa. 14. DEFINIÇÃO: As formas de uma língua são finitas em número. (Bloomfield, *apud* Dascal, 2008)

Bloomfield foi um importante behaviorista, ou seja, que via a linguagem como um conjunto de respostas à interação social e seus estímulos externos. Nesse ponto, ele influenciou Noam Chomsky, que pretende responder (e até certo ponto rejeitar) esse modelo de linguagem. Para Chomsky, um indivíduo sempre age criativamente no USO da linguagem, ou seja, a todo momento, o ser humano está construindo frases inéditas e novas, infinitas, jamais ditas antes por outro indivíduo.

Essa disposição inata para a criação infinita de enunciados foi chamada, na teoria de Chomsky, de Faculdade da linguagem, que ia de encontro às técnicas racionalistas e empiricistas, por exemplo de Bloomfield e Skinner. (Kenedy, 2008, p.129)

No entanto, a importância de Bloomfield e seus postulados, ou método postulacional, é inegável, repita-se, para a confecção das modernas gramáticas normativas.

Bakhtin³⁵ ensina, ainda sobre as duas principais correntes do pensamento linguístico contemporâneo, que

[a] linguística do século XIX – a começar por W. Humboldt –, sem negar a função comunicativa da linguagem, empenhou-se em relegá-la a segundo plano, como algo acessório; passava-se para primeiro plano a função formadora da língua sobre o pensamento, independente da comunicação. Eis a célebre fórmula de Humboldt: “Abstraindo-se a necessidade de comunicação do homem, a língua lhe é indispensável para pensar, mesmo que tivesse de estar sempre sozinho” (Bakhtin, 2000, p. 289, grifamos)

Em contrapartida, o Funcionalismo enfatiza o papel da língua dentro de um contexto ou de uma situação (a interação verbal, seu componente pragmático-discursivo), dando à questão social total primazia. Assim sendo, todos os tipos de interação comunicativa, ao invés de serem desconsiderados no estudo linguístico, são sobejamente encarecidos, e, para tal corrente, só dessa forma se pode compreender de fato uma língua, que é considerada como um objeto dinâmico. O Funcionalismo, entretanto, não despreza a forma, nem lhe atribui um papel secundário, mas valoriza e analisa seus aspectos manifestados a partir do uso. Dessa forma, a Gramaticalização será considerada sob os

³⁵ O mesmo Bakhtin vê em Vossler, embora com ressalvas, uma continuidade do Formalismo ou do Estruturalismo, embora a ênfase no aludido autor esteja na expressividade, que, aliás, foi também encarecida pelos alunos de Saussure, dentre eles um dos próprios compiladores do “Cours”, Charles Bally, da chamada Escola de Genebra.

pontos de vista semânticos, pragmáticos, dialetais, sociais, icônicos, discursivos, psicológicos e assim por diante.

É fato que “Funcionalismo, em Linguística, é conceito que não se pode esquivar de ligação com a Escola Linguística de Praga” (Moura Neves, In: Christiano, Silva e Hora, 2004, p. 13). No entanto, assim como a primogenitura de Saussure, no Formalismo, gerou frutos até divergentes de seus preceitos seminais, também é fato que há um sem-número de Funcionalismos provenientes da Escola aludida, como o de Halliday, o de Givón, o de Coseriu³⁶ e o de Dik.³⁷

Bakhtin também contribui com essa questão ao afirmar:

Essa alternância dos sujeitos falantes que traça fronteiras estritas entre os enunciados nas diversas esferas da atividade e da existência humana, conforme as diferentes atribuições da língua e as condições e situações variadas de comunicação, é diversamente caracterizada e adota formas variadas. (Bakhtin, 2000, p. 294)

Pelo que se viu até aqui, percebe-se que a Gramaticalização encontra terreno fecundo nos estudos Funcionalistas, a partir do momento em que estes procuram explicação para a questão nas motivações interacionais (sujeitos falantes) internas e externas ao sistema da língua, num par antitético cuja síntese seria, exatamente, o equilíbrio necessário “entre tais forças em competição, equilíbrio que, afinal, permite a própria existência da gramática”. (Dubois, In: Haiman, 1985).

Por seu turno, o Formalismo também tem seu arcabouço teórico para perquirir a questão, baseado muitas vezes num Estruturalismo Diacrônico (que não deixa de ser influência da Escola de Praga, Funcionalista), e é fato consumado que, não raro, uma corrente recorre à outra a fim de deslindar certos obstáculos no decurso da pesquisa.

³⁶ Que, para Bechara, é estrutural e funcional. Ainda é Bechara (apud Moura Neves, 2004, p. 55) que aponta que a terminologia “funcionalista” é complexa, “uma vez que esse nome vem servindo para rotular várias modalidades de descrição linguística e de aplicação pedagógica no estudo e ensino de línguas”.

³⁷ Sem maiores aprofundamentos no assunto, é fundamental a noção de Coseriu sobre a competência linguística (capacidade de produzir linguagem), à qual Dik soma capacidades outras, como a epistêmica, a lógica, a perceptual, a social. (cf. Dik, 1989)